



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7003 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

OS CURRÍCULOS ESCRITOS POR UMA LITERATURA MENOR NOS ENTRE-LUGARES COTIDIANOS

Tamili Mardegan da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Leticia Regina Silva Souza - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Ana Carolina Justiniano Melotti - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

OS CURRÍCULOS ESCRITOS POR UMA LITERATURA MENOR NOS ENTRE-LUGARES COTIDIANOS

Nesta difícil e necessária busca pelas palavras, o que se tensiona nesta produção é falar de uma educação afetada pelo *devoir-criança* (DELEUZE; GUATTARI, 2012) que age em defesa das infâncias e milita contra as macro pressões dos currículos instituídos, pois defende que não há tempos demarcados para os processos de aprendizagens como apontam os determinismos das atuais políticas curriculares.

Dessa forma, com inspirações metodológicas advindas das pesquisas *com* os cotidianos (FERRAÇO, 2003), esta escrita trata dos currículos menores tecidos nos *entre-lugares* (BHABHA, 1996) educação infantil-ensino fundamental de uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF), atravessados pelos movimentos infantis na tessitura dos currículos.

Por concebermos a Educação Infantil (EI) e o Ensino Fundamental (EF) como multiplicidades, desejamos que elas sejam pensadas de forma não dicotômica e optamos, portanto, por escrever os termos com hífen e, ainda, alternando a ordem das palavras ao longo desta escrita. Nesta aposta ético-estético-política, buscamos produzir sentidos para que a EI e o EF não sejam considerados hierarquicamente, pois, se falamos de composição, o encontro deles também pode acontecer pela escrita.

Em meio às macropolíticas curriculares voltadas para essas etapas de ensino defendemos que um currículo escrito por uma *literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2017), produzido pelas infâncias, é intensificador das aprendizagens e precisa ocupar espaço nas discussões educacionais. Na *educação menor* (GALLO, 2016), que se infiltra na educação régia, conclui-se que a potência dos currículos cotidianos vai além do que é pensado oficialmente para acontecer na escola.

Objetivamos, assim, tensionar a EI e o EF a partir do deslocamento da criança da entre o pré II e o primeiro ano do EF, a chamada “transição de etapas”. Trataremos do caos existente nesse processo, em uma fragmentação repudiada pelos currículos oficiais e vista por nós como potência. Entretanto, optamos por não usar o termo “transição” em nossas abordagens por concebermos que a palavra remete à perspectiva de linearidade que colocamos

sob suspeita.

O outro movimento, que não está descolado do anterior, refere-se aos abraçamentos e afastamentos vividos no território de uma EMEIEF, o que nos leva a valorizar as composições impensadas que os cotidianos permitem aos corpos que ali se encontram. Falamos, dessa maneira, de vidas que não podem ser categorizadas e que, apesar da dicotomia defendida pelas macropolíticas, as etapas de ensino se interpenetram o tempo todo. Nesses movimentos imbricados, desejamos visibilizar a infância de uma educação cotidiana que transborda os espaços estriados, produzindo currículos menores.

A partir daí, vamos mais adiante ao forçar o pensamento em outro processo contido no debate em tela. Antes e durante e depois dessa migração, as crianças se encontram no mesmo tempo-espaço, se conhecem, estabelecem vínculos, dividem objetos, brigam, conversam etc., como é o caso do território desta pesquisa. Por isso, nosso objetivo se estende para também falarmos da composição, do encontro dos corpos do infantil e do fundamental que se misturam e se confundem, (des)encontros e sutilezas de um devir-criança.

Combatendo a totalidade falida dos currículos oficiais e a sua desejada unicidade hegemônica, evidenciamos os currículos tecidos cotidianamente, os quais produzem aprendizagens e conhecimentos vigorosos, entre o caos e a ordem. Nos detalhes do dia a dia de uma escola que atende às duas etapas de ensino, aparecem as sutilezas dessa articulação que se torna uma rede de proliferação de sentidos e que nos encanta como campo de pesquisa. Sem maneiras definidas, a aprendizagem que consideramos é aquela que não tem limites e que borra as fronteiras curriculares.

À vista disso, desejamos que os cotidianos e suas práticas-políticas sobressaiam nos diferentes espaços-tempos intersticiais para que os currículos menores não sejam representados apenas pelo que manda uma *educação maior*, “[...] aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (GALLO, 2016, p. 64). Incluímos na definição de Gallo (2016) a BNCC e as DCNs que, postuladas também como parte de uma educação maior, integram este campo problemático e, a partir delas, faremos alguns tensionamentos.

A pretensão de tensionar a ida das crianças de uma etapa à outra é lutar contra as gaiolas que as separam para dizer que cada sujeito tem seu próprio modo de viver os processos, entre rupturas e prosseguimentos. Assim, destacamos que as fragmentações fazem parte dos rizomas cotidianos e que, a educação nos entre-lugares EF-EI, acontece desobedientemente, misturando crianças, etapas, professores, gestores, objetos, brincadeiras e aprendizagens.

E vamos, assim, tecendo uma *literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2017) dentro da maior, na marginalidade e na resistência. Gaguejante. Vivendo na insubmissão de uma pesquisa que se torna uma prática-política e que intenciona mostrar que o termo “menor” pode ser associado a tantas outras expressões para falar daquilo que é movente na educação, pois foge ao que é estabelecido. Uma *educação menor* (GALLO, 2016) que não é sinônimo de inferioridade e que não fala em nome próprio, mas que se abre em multiplicidade para enunciar o coletivo e sua postura ativa.

Para colaborar neste campo problemático trazemos o conceito de *entre-lugar*, uma referência elencada por Bhabha (1996) e que se caracteriza como um espaço intervalar em que ocorrem as negociações e as manifestações culturais mais intensas, mesmo que esse espaço não seja físico ou definido. Os entre-lugares se manifestam nas fronteiras das diferentes realidades e podem ser considerados como que pensamentos prévios, construídos

nas bordas. Tratamos os momentos originais, neste caso, como a EI e o EF que, nas trocas intensas em uma EMEIEF, derivam um novo território, um entre-momento que não quer fazer referência somente a uma ou à outra etapa de educação.

Também faz parte desse plano de composição conceitual o uso de *educação menor* (GALLO, 2016), uma ideia-força que adquire valor coletivo e político, afrontando a *educação maior*. Gallo (2016) forma esse conceito a partir do deslocamento da noção de *literatura menor*, apresentado por Deleuze e Guattari (2017) no livro “Kafka, por uma literatura menor”. Trata-se da apropriação de uma língua maior por uma minoria e não da criação de uma nova língua ou de uma língua inferior. É a marginalização da língua, em outras regras e codificações.

Conclui-se que, o menor, no campo educacional, seja associado a qualquer outro termo, é o que vaza, o que afronta, mesmo estando articulado ao que controla. Não é um termo pejorativo e não tem a ver com pequenez ou inferioridade, mas com o coletivo. Não é negar a educação, mas comportar-se ativamente, adotando uma postura de criação. Portanto, embora desafiadora, a proposta de refazer a grande literatura por meio de investidas menores, nos apresenta a possibilidade de uma proposta menor se tornar uma luta coletiva.

Palavras-chave: Cotidianos. Currículos. Educação Infantil. Ensino Fundamental. Entre-lugar.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha**. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 1996, p. 35-41.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.